

REESTRUTURAÇÃO E DESCONCENTRAÇÃO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE INTERIORIZAÇÃO E PERIFERIZAÇÃO NO PERÍODO RECENTE.

Juliana de Souza - Ciências Econômicas - Departamento de Economia - Faculdade de Ciências Econômicas - Campus de Araraquara. Prof. Dr. João Furtado – Escola Politécnica – Departamento de Engenharia de Produção – Universidade de São Paulo

O objetivo da pesquisa é analisar a dispersão geográfica nacional dos investimentos nos anos de 2000, 2002 e 2004 baseando-se nas reportagens dos jornais *Gazeta Mercantil* e *Valor Econômico*. Foram selecionadas destes periódicos reportagens que faziam referência ao anúncio da construção de unidades produtivas no Brasil nesse período. Estas notícias foram sistematizadas e classificadas de acordo com uma lista de 21 fenômenos ligados aos conceitos de economia industrial. Houve ainda a preocupação em categorizar os tipos de movimento espacial da indústria brasileira conforme os conceitos de concentração, desconcentração e descentralização. Outra etapa importante da pesquisa foi identificar os fatores que desempenharam poder de atração sobre as decisões de investimento, como, por exemplo, os incentivos fiscais, infra-estrutura, proximidade com matérias-primas, mercado consumidor e mão-de-obra, e para isto, a leitura de 184 notícias complementares, além das 346 que foram sistematizadas numa planilha do *Microsoft Excel*, fez-se muito importante.

No que diz respeito à localização das novas unidades fabris, verificou-se uma concentração de, aproximadamente, 67% dos investimentos nas Regiões Sudeste e Sul, cada uma com 43,6% e 23,4%, respectivamente. Esta distribuição dos investimentos ressalta as diferenças inter e intra-regionais existentes no Brasil. A Região Sul, por exemplo, foi a única que apresentou certa harmonia entre as suas Unidades Federativas, enquanto as Regiões Nordeste e Norte evidenciaram as maiores discrepâncias internas no quesito atração de unidades fabris. O Estado de São Paulo, por sua vez, continua sendo economicamente o mais importante do país e o principal alvo dos investimentos realizados, dado que 28,3% deles tiveram como foco esta região nestes três anos estudados.

Ainda sobre o Estado de São Paulo, outras observações podem ser feitas. A primeira delas trata do processo de interiorização porque passa a sua indústria, e isto só foi possível graças ao avanço das tecnologias de informação que permitiram a separação física e territorial entre o chão da fábrica e a gerência dos negócios. Pode-se dizer que o interior paulista passou a contar com a presença de um grande número de fábricas de porte médio e grande, pertencentes ao segmento de maior complexidade industrial. Com isto, a Região Metropolitana passou a ganhar um caráter cada vez mais relacionado ao setor de serviços, concepção de produtos e idéias, além de uma importância crescente em áreas como mercado financeiro, saúde, educação e lazer. Um aspecto importante que também foi identificado diz respeito à forte atração que a infra-estrutura e mercado consumidor desempenham sobre as empresas multinacionais que pretendem ingressar no país. O Estado de São Paulo é considerado por muitas delas como a porta de entrada no Brasil.

Com base nas informações levantadas, foi possível categorizar os movimentos espaciais da indústria nacional seguindo uma tipologia utilizada pela geógrafa Sandra Lencioni, que diferencia os termos desconcentração e descentralização. A pesquisadora enfatiza que, no Brasil, vislumbra-se um processo de desconcentração da indústria e não de descentralização, como apregoam alguns autores. A base do seu argumento fundamenta-se na constatação de que a Região Metropolitana de São Paulo, e, principalmente a cidade de São Paulo, em momento nenhum deixaram de ser o centro econômico-financeiro do país, pelo contrário, reafirmam sua posição de líder na hierarquia nacional ao concentrar a maior parte das sedes das empresas estabelecidas no país. Neste estudo, pretendemos ir um pouco mais além, e incluir no conceito de descentralização a idéia de que, para que este movimento ocorra, também seja preciso que as atividades consideradas “nobres” pela empresa, como laboratórios de P&D (53% dos laboratórios instalados no país nestes três anos ficaram restritos ao Estado de São Paulo), se dispersem pelo país, seguindo a mesma trajetória da unidade fabril. Partindo destes pressupostos, a pesquisa identificou um processo de desconcentração no Brasil, que correspondeu a 80% da amostra, e não de descentralização, uma vez que apenas 9% das notícias preencheram os pré-requisitos descritos acima. Já o fenômeno concentração, restrito às Regiões Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, abarcou 11% dos casos.

É importante registrar que o movimento de desconcentração apresentou quatro características principais de acordo com a frequência com que apareceram, e serão citadas neste resumo por ordem decrescente: Novo Investimento, Investimento Adicional, Transferência Integral e Transferência Parcial. Pelo fato da pesquisa estar baseada em reportagens de jornal, é compreensível que Novo Investimento se sobreponha aos casos de Investimento Adicional, pois é plausível que este veículo de comunicação tenha um interesse maior em publicar casos de instalação de novas fábricas em lugares até então inexplorados, e os casos de inauguração de unidades fabris em lugares onde a empresa já está presente (Investimento Adicional) ganham caráter secundário nas publicações jornalísticas. A baixa frequência com que apareceram os casos de transferências de plantas são justificadas pela própria literatura que chama atenção para o novo contexto da economia brasileira, que começou a ser modificado nos anos de 1990. O objetivo não é fechar unidades produtivas, mas sim construir novas fábricas, mais produtivas e tecnologicamente avançadas, mantendo as antigas, para que assim a empresa consiga atender a crescente demanda interna e externa.

O quadro abaixo resume estas informações:

Movimento	Frequência		
	2000	2002	2004
Concentração	7	16	15
RMSP	6	14	12
RMRJ	1	2	3
Desconcentração	103	90	85
Novo Investimento	74	72	52
Investimento Adicional	21	13	24
Transferência Integral	4	5	7
Transferência Parcial	4		2
Descentralização	7	12	11
Evidências	7	11	9
Indícios		1	2
Total	117	118	111

Fonte: elaboração própria a partir de Gazeta Mercantil (2000) e Valor Econômico (2002 e 2004)

A pesquisa também identificou a manutenção dos seguimentos de alto valor agregado nas regiões mais ricas do país, entre eles, automobilística, bens de capital, equipamentos de informática e telecomunicações. Nem os incentivos fiscais, nem os mercados consumidores emergentes das regiões Nordeste e Centro-Oeste, foram suficientes para reverter este processo. Até mesmo a desconcentração do setor automobilístico chegou a ser questionada, pois o segmento de autopeças avançou um percurso menor que o das montadoras, o que leva a aparente conclusão de que as atividades mais complexas e correlacionadas permaneceram concentradas na Grande São Paulo.

Apesar dos graves problemas de infra-estrutura da Zona Franca de Manaus e das críticas feitas a este modelo, observou-se a consolidação de um pólo industrial, com infra-estrutura e fornecedores, detentor de 450 empresas e gerador de aproximadamente 100 mil empregos diretos. Visando o progresso tecnológico desta área, as parcerias entre a Ufam (Universidade Federal do Amazonas) e a Suframa resultam em programas para a formação de pessoal de nível superior e doutores na área de eletrônicos muito importantes para o aumento da oferta de mão-de-obra qualificada na região.

Devido à frequência com que apareceram, as justificativas para a localização dos investimentos variaram entre mercado consumidor, economias de aglomeração, incentivo fiscal, infra-estrutura, matéria-prima e mão-de-obra. Ressalta-se que uma atenção especial deve ser dada às três primeiras, pois foram as mais apontadas nas reportagens. Uma notícia sobre a Grendene do ano de 2004 ajuda a esclarecer a importância de atrativos como o incentivo fiscal para a sua instalação na Região Nordeste: a empresa “reconheceu” que de 2001 a junho de 2004 os benefícios fiscais responderam por 45% a 65% do seu lucro.

Nos período recente, o país assistiu, portanto, a dois processos que caminharam juntos: reestruturação e desconcentração. A abertura de uma nova fábrica era uma oportunidade de modernização e reestruturação organizacional e, mesmo com os movimentos da indústria nacional, a

Região Sudeste e o Estado de São Paulo mantiveram a importância, e as atividades “nobres” da empresa apresentaram um reduzido grau de dispersão. Além disto, foram identificados focos de industrialização fora das áreas econômicas mais ricas e, com isto, a certeza de que há muito espaço a ser preenchido e que isto pode ser feito com a ajuda de uma Política de Desenvolvimento Regional, hoje inexistente no país¹.

Referências Bibliográficas

- AZZONI, C.R. “Sobre a Necessidade da Política Regional”. Nemesis. 2002.
- DINIZ, C. C. e CROCCO, M. A., “Reestruturação Econômica e Impacto Regional: O Novo Mapa da Indústria Brasileira”, Nova Economia, v.6, 1996.
- LENCIONI, S. A Reestruturação Urbano-Industrial no Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. Espaço e Debates. 1994, Nº38, p.54-61.
- LEONCINI, S. “Cisão territorial da indústria e integração regional no Estado de São Paulo”, in: GONÇALVES, M. F.; et. al. Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional. Ed. Unesp, 2003.
- PACHECO, C. A., “Novos Padrões de Localização Industrial? Tendências Recentes dos Indicadores de Produção e do Investimento Industrial”, Texto para Discussão, n. 633, IPEA, Brasília, março de 1999.
- SABOIA, J., “Desconcentração Industrial no Brasil nos Anos 90 – Um Enfoque Regional”, Pesquisa e Planejamento Econômico, IPEA, v.30, n.1, abril de 2000.

¹ Bolsa: FINEP/GEEIN – Grupo de Estudos em Economia Industrial